

A Mesa da Palavra explicada

Padre Albino Reis

Domingo XXXII do Tempo Comum

1ª leitura – 1Re 17, 10-16

Salmo - Salmo 145 (146)

2ª leitura – Hebreus 9, 24-28

Evangelho - Marcos 12, 41-44

Duas pobres viúvas estão no centro da liturgia deste domingo. Têm em comum o facto de pertencerem à classe de pessoas insignificantes. São pobres e viúvas. A hospitalidade da primeira é compensada pelo milagre de Elias; a humilde generosidade da segunda merece de Jesus um elogioso louvor.

A antítese de ricos e pobres é um procedimento frequente nos discursos escatológicos de Jesus: Ele não mede em números o que damos; mede o amor, avalia segundo o critério dos valores interiores da pessoa; Ele alcança o coração.

Dar assim, como estas duas viúvas, é dar como Deus, que não nos dá a sua abundância não nos dá o que tem, mas o que é.

As palavras de Jesus e o comportamento das duas viúvas levam-nos facilmente a reflectir sobre o significado da riqueza e da pobreza, não só na nossa vida pessoal, enquanto cristãos, mas também na vida das nossas comunidades cristãs.

Entendamo-nos, antes de continuar: Na perspectiva bíblica, a riqueza não tem a ver com a posse de muitos bens, mas com a situação de escravidão que nos submete a esses mesmos bens. Também a pobreza é a liberdade, o espírito de desprendimento e a disposição para a partilha que colocamos na nossa relação com os bens que possuímos.

Há gente que não passa despercebida no seu prazer de dar nas vistas: passeia longas vestes, gosta dos primeiros lugares e de receber vénias nos encontros. A vida para alguns é apenas um palco onde exibem aparências, prestígio e fama, fazendo tilintar alto as moedas dos bolsos, comprando os favores de Deus e a submissão dos homens, com muita fachada e pouca substância. É assim no mundo real e no mundo virtual, com like's e seguidores no facebook...

Sentado a observar, Jesus vê como a multidão deita o dinheiro na caixa do Templo. O seu olhar não mede a quantidade da oferta, mas a quantidade de coração que na oferta é depositada. A Jesus não interessa o dom, mas quem o dá. É a pessoa que dá valor à oferta. Por isso, louva a pobreza de duas moedas da viúva que deu tudo o que possuía em detrimento daqueles que deram muito do que lhes sobrava. A oferta da viúva ensina que a vida não é feita de esmolas do que se tem, mas do dom daquilo que se é, num amor que não faz cálculos!

Para Deus não conta a quantidade, mas conta quanto peso de vida, quanto amor, quantas lágrimas e esperanças estão em duas miseráveis moedas.

Jesus contempla uma pobre mulher e reconhece-se nela. A vida da viúva estava toda ali: as duas moedinhas eram todo o seu sustento e ela arremessa-o na caixa das esmolas. O gesto da viúva antecipa e convida àquela dinâmica do dom, da entrega da vida, do dar-se naquilo que se faz, que encontra a sua máxima expressão na doação total de Jesus na cruz.

Tal como a pobre viúva do Evangelho, quem faz desabrochar um mundo novo são tantas pessoas de que os jornais não falam, homens e mulheres de vida escondida, feita apenas de fidelidade, generosidade, honestidade, suor que, na discricção quotidiana, dão mais para o tesouro da humanidade. Pessoas que se semeiam na terra e não sabemos quem foram ao vermos desabrochar tanto bem que nos envolve.

Os primeiros lugares que Deus oferece pertencem àqueles que, dão aquilo que faz viver, que oferecem vida todos os dias, com mil gestos que ninguém vê, de cuidados, atenção, carinho, dedicação, dirigidos sobretudo aos mais frágeis: idosos, doentes, desempregados, marginalizados e excluídos. É a santidade dos pequenos gestos do coração! Para Deus nenhuma dessas ofertas é irrisória ou demasiado pequena. Nenhum gesto saído da pobreza de um coração que ama é insignificante. Antes, aumenta o nosso património no Céu.

Os cristãos deveriam ser reconhecidos pela audaciosa generosidade sem medida, mesmo nos pequenos gestos, que também valorizam, multiplicam e renovam a vida! Como dizia Raoul Follereau, o Apóstolo dos leprosos, “ninguém é tão pobre que não tenha nada para dar e ninguém é tão rico que não precise de receber alguma coisa.”

Tudo o que somos e temos são dons de Deus. Do dom da criação ao dom do seu único filho, Jesus Cristo, que enviou para redimir a humanidade desfigurada pelo pecado. Não há nada que tenhamos que seja verdadeiramente nosso. Deus é o doador de tudo. Deus é amor, e o seu amor manifesta-se nos dons com que nos inunda todos os dias. Ele espera também que lhe retribuamos o amor que nos oferece, sobretudo, como nos recordava a liturgia do domingo passado, com o dom do nosso coração puro e cheio de amor por Ele ao próximo, todos os nossos irmãos e irmãs.